

O ENVELHECIMENTO E A PSICANÁLISE: DECREPTUDE DO CORPO E INVISIBILIDADE DO SER

Rayanne Alves Henrique¹
Nalyson Almeida Rodrigues²
Kelly Rebeca Gonçalves do Ó³

RESUMO

Com o aumento da longevidade da população no Brasil, ocorrem significantes transformações e mudanças no cenário familiar, político, econômico e social. Entre o horror e a decrepitude, o real dá vazão a um cenário imperativo da eterna juventude em vistas de uma produtividade compulsória alicerçada no sistema capitalista maciço de compra e venda, geração e acúmulo de bens, competição predatória, império da beleza, controle dos corpos e a desvalorização do saber dos mais velhos e de sua historicidade em detrimento das novidades do mercado. Assim, o presente estudo teve por objetivo expor e discutir a importância da Psicanálise e as contribuições desse fazer clínico contextualizado, proposto por Freud para com o cuidado e conscientização dos sujeitos invisibilizados e silenciados. Realizou-se uma revisão narrativa da literatura, que consistiu em apresentar uma síntese das questões problematizadas nas principais produções sobre a temática, sendo consultadas, sobretudo, obras clássicas no campo da Psicanálise sobre a prestação de serviço psicológico, assim como as produções contemporâneas do campo da Psicologia da Saúde sobre o envelhecimento humano, e os desdobramentos destes campos no que compete ao cuidar e fazer clínico. Com as discussões, concluiu-se que para a sociedade moderna, o corpo envelhecido transforma-se em invisível, sendo este também sempre pouco indizível. Ou seja, aquilo ou aqueles dos quais se evita falar/ouvir. As formulações dessa nova perspectiva de homem advinda da clínica freudiana, portanto, tocam no âmbito político, na ideia de norma e de moral, questionando as exigências construídas socialmente, considerando-as passíveis de transformação, visando desmoralizar o discurso moralizante e definir um lugar para o sujeito envelhecido enquanto ser desejante e atuante no mundo. Por fim, ao remeter-se ao invisível, foi abordado a dimensão política de tal, no qual mostra as diversas faces do que se trata ser invisível, que vai além da uma perspectiva inicial, tratando, assim, o invisível como o imaterial, o subjetivo, algo que sobrevoa a todos, que transcende.

Palavras-chave: Envelhecimento; Velhices; Psicanálise; Corpo; Invisibilidade.

INTRODUÇÃO

É fato que a expectativa de vida vem crescendo significativamente nos últimos

¹ Graduanda do Curso de Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, rayanne.alves@estudante.ufcg.edu.br;

² Mestre em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, nalyson.rodrigues@ufpe.br;

³ Graduanda do Curso de Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, kelly.rebeca.scc@gmail.com.

anos, juntamente com isso ocorrem transformações significativas em diversas esferas, a começar pelo contingente e configuração familiar, até às sociais e econômicas decorrentes desse aumento da população de pessoas acima de 60 anos no Brasil. Segundo Mucida (2004), em “A velhice no mal-estar da cultura atual”, essa nova organização social acentuou alguns estigmas impostos culturalmente à pessoa idosa. Se antes, o suposto saber da experiência era um traço identitário para o idoso, demarcando certo lugar social, atualmente esse suposto saber encontra-se fora deles, nas faces diversas e irreconhecíveis do Outro, que dita às regras do envelhecer bem ou, mais precisamente, do não envelhecer.

A autora supramencionada ressalta ainda que há um aumento em larga escala do interesse da Ciência pela velhice e os meios de detê-la. Entre o horror e a decrepitude, o real dá vazão a um cenário imperativo da eterna juventude em vistas de uma produtividade compulsória alicerçada e alimentada pelo sistema capitalista maciço de compra e venda, geração e acúmulo de bens, competição predatória, império da beleza padronizada, controle dos corpos, e a desvalorização do saber dos mais velhos e de sua historicidade em detrimento das novidades do mercado.

Em consonância, na obra “O mal-estar na civilização”, Freud (1930) alertou que o progresso científico não traria ao homem a tão esperada felicidade, muito menos aliviaria a sensação de ser angustiado, nem os nossos medos, frustrações e perdas. O idoso, que é um ser único - resguardadas as individualidades e particularidades de cada um - na atualidade todos irão, ao seu modo, deparar-se com diferentes formas de lidar com o desamparo. Desamparo este, que é tanto de ordem intrínseca (interna e inerente ao ser uno), quanto extrínseca (externas e dependentes das relações com o Outro).

Para Mucida (2004) as novas dinâmicas sociais modernas implicam em uma perda de status social para os idosos, o que configura-se como a reclusão e exclusão da participação desta população na sociedade vigente. Além disso, observa-se na sociedade moderna outra problemática presente na nova realidade desta população - a pouca ou nenhuma assistência quanto ao suporte emocional que os idosos recebem tanto por parte da família, quanto de seus cuidadores.

Uma das possíveis explicações é o fato da vigente mudança no padrão familiar, pois se antes as famílias eram grandes e todos viviam dividindo o mesmo ambiente, na modernidade a nova configuração é de caráter restrito e nuclear. Conforme a mesma

autora, outras modificações da contemporaneidade são: maior isolamento emocional e social das pessoas; a escolha por não constituir família (casar-se e/ou ter filhos); o aumento do número de divórcios e uma independência social e financeira das mulheres - que vêm conquistando espaços e tendo uma participação efetiva no mercado de trabalho, bem como nas decisões políticas e econômicas da sociedade.

Em suma, os fatores anteriormente mencionados contribuem para o fortalecimento desse cenário socioeconômico e cultural excludente, que repercute em um novo arranjo social que vai moldando e ditando as formas de cada sujeito, em suas faixas etárias e traços identitários, de como ser e estar no mundo. Dessa forma, essa concepção pode ser compreendida enquanto uma sentença condenatória a todos as pessoas que não se adequam às exigências desse mercado, tais como idosos, crianças, loucos, mendigos, deficientes, e todas as outras classes de estigmatizados a um final de vida penoso.

A nova concepção de clínica proposta por Freud nasceu entrelaçada com o compromisso social e político. Sendo assim, a mesma pode ser localizada como uma clínica social, contextualizada. O discurso psicanalítico inaugura uma nova epistemologia, a clínica freudiana é, portanto, uma clínica da abertura, voltada para o sujeito e para a linguagem, assumindo assim um caráter enigmático e, além disso, produzindo reformulações, reposicionamentos e resistências frente aos sintomas e problemáticas que emergem.

As formulações dessa nova perspectiva de homem advinda da clínica freudiana tocam no âmbito político, na ideia de norma e de moral, ou seja, Freud questiona as exigências construídas socialmente, considerando-as passíveis de transformação. Busca desmoralizar o discurso moralizante e definir um lugar para o sujeito enquanto ser desejante no mundo.

Frente a isso, Freud coloca a redução das nossas possibilidades de ser e existir no mundo a uma só: como patológico e gerador de sofrimentos e sintomas. É necessário uma construção de uma normatividade que seja própria do sujeito. Além disso, ele ainda faz emergir um posicionamento ético por parte do profissional no sentido de não avaliar e julgar o outro com base nas suas próprias medidas. Assim, clínica é o encontro com o imprevisível, com a diversidade e multiplicidade. É preferível criticar, questionar, correr riscos e transformar. Clínica é, sobretudo, posicionamento social e político!

Com isso, considerando as questões abordadas anteriormente, o presente artigo tem como finalidade analisar a concepção do corpo envelhecido para a teoria psicanalítica. Para tanto, as próximas seções apresentam e discutem teoricamente os aspectos relacionados ao imperativo do tempo escrito e transcrito no corpo dos idosos, abordando o lugar, ou ainda o não lugar, que eles ocupam na sociedade, dispostos nos seguintes tópicos: O invisível e a velhice; Narcisismo: fundamentos para a compreensãoda passagem entre os dois dualismos; Identificações: a Quebra do Eu no Espelho e Espelho, Espelho Meu...; e por fim são apresentadas as considerações finais do presente artigo.

METODOLOGIA

O presente estudo adotou a metodologia de revisão narrativa da literatura, que tem como objetivo fundamentar teoricamente uma determinada temática. Consiste numa forma de pesquisa que se utiliza de fontes de informações bibliográficas ou eletrônicas para obtenção de resultados de pesquisas de outros autores, apresentando uma síntese das questões problematizadas nas produções analisadas sobre uma determinada temáticacientífica mais os apontamentos para possíveis contribuições no sentido de avanço e inovação dentro desse campo teórico a partir das implicações suscitadas (ACTA, 2007).

Foram priorizadas as consultadas de obras clássicas da psicanálise e contemporâneas sobre o processo de envelhecimento humano no campo da Psicologia da Saúde, possibilitando uma discussão concisa acerca da atenção/assistência psicológica e as contribuições da psicanálise para fomentar esse cuidado pessoal, mas também e principalmente sobre o contingente social e posicionamento político sobre a participação da população idosa no Brasil. No processo de busca e seleção dos estudos não foram utilizados descritores pré-determinados, no entanto, os critérios de buscas supracitados foram considerados satisfatórios para atender aos objetivos deste escrito.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As limitações corporais e a consciência da temporalidade são problemáticas fundamentais no processo de envelhecimento, aparecendo de forma reiterada no discurso

dos idosos, embora possa adquirir diferentes nuances e intensidades dependendo da sua situação social e da própria estrutura psíquica do indivíduo. As noções de feiúra e velhice se constituem em oposição à felicidade e isso não se dá senão por força do registro cultural.

Então, tal oposição verdadeiramente não existe, ou como tudo que é do registro da cultura, é passível de alterações e substituições por uma outra concepção. Caso este sujeito não encontre um lugar de reconhecimento tanto no campo simbólico quanto no constructo social ao seu redor, enquanto ser desejante e desejado, o Ideal do Eu não realizará sua função reguladora, uma vez que, junto com a queda desse Eu Ideal, ruirá outras imagens narcísicas atreladas, tais como a de onipotência, perfeição e sabedoria, que serão substituídos por traços de um Eu de "feiúra", que causa pavor a esse ser que nega a se re-conhecer e reelaborar-se por portar consigo agora uma carga de castração, fragmentação, subversão e ruína.

Corpo e tempo se inter cruzam no devir do envelhecimento e das formas desse entrecruzamento nascerão as múltiplas velhices (considerando as articulações sociais e políticas de um determinado contexto), pois há sempre um ponto de impossível ao se tentar conceituar a velhice, uma vez que, não existe "coisa de velho", mas o que cada um irá fazer e significar dessa fase – marcada por perdas significativas.

O invisível e a velhice

No capítulo "Ecologia do invisível", disposto na obra "A nau do tempo rei: 7 ensaios sobre o tempo da loucura", de Pelbart (1993), são expostos alguns paradigmas sociais, tais como às diferenças de raça, etnia e crença que invisibilizam àqueles sujeitos que são tidos como fora dos padrões sociais vigentes de produtividade, beleza e higiene. Para a autora, o invisível é também sempre um pouco indizível, ou seja, aquilo ou aqueles dos quais se evita falar/ouvir. Com isso, observa-se a dificuldade de esses sujeitos se expressarem em palavras mais "acessíveis" ou simplificadoras ao tentar comportar a imensidão de significados e sem significados quando se aborda o tema do invisível ou da invisibilidade que os atravessa, por se tratar justamente de algo que é abstrato, incorpóreo, desconhecido e inatingível.

Sendo assim, a impressão transmitida inicialmente é que ao se remeter as camadas invisíveis da população, Pelbart (1993) se referia a estes como o sujeito não visto, que permanece no esquecimento (ex. velhos/idosos, loucos, moradores de rua, deficientes, etc.), porém, sua análise do invisível e da loucura - e aqui chamo a atenção

para a questão da demência que muitas vezes acometem aos idosos em idades mais avançadas - vai além da visão leiga da sociedade. Ao remeter-se ao invisível, o autor dá uma dimensão política a tal, no qual mostra as diversas faces do que se trata ser invisível, ou seja, vai além da perspectiva inicial, tratando, assim, o invisível como o sujeito imaterial, subjetivo, algo que sobrevoa a todos, que os transcende.

Narcisismo: fundamentos para a compreensão da passagem entre os dois dualismos

Em 1914, Freud lançou o texto “Sobre a introdução do conceito de Narcisismo”, que discorre sobre o surgimento do narcisismo primário na construção do Eu. Com isso, traz a justificação da motivação pela qual o conceito de narcisismo ser crucial para a compreensão dessa passagem do primeiro dualismo (pulsão do Eu x pulsões sexuais) para o segundo dualismo (pulsões de vida x pulsões de morte).

A pulsão do Eu e a pulsão de vida acontecem anteriormente ao processo de narcisismo, pois mesmo quando a criança ainda não possui um Eu a *pulsão de vida* irá guiar-lhe pela via da autopreservação de forma mais instintiva. Logo, o conceito de *narcisismo* diz que, para que o Eu exista (sentimento de pertencimento ao seu próprio corpo, no sentido de saber quem de fato sou) é necessário que se haja um investimento da ordem do sexual, pois “tudo” diz respeito à sexualidade desde o início da vida, pautando-se nas dimensões de prazer/desprazer.

Assim, se a instauração do Eu for fruto de um investimento pulsional, não haverá mais essa dualidade entre a pulsão do Eu e as pulsões sexuais, visto que o dualismo que se estabelece entre elas logo se apartaram, pois o desejo pulsional “ganha vida” e suplanta a pulsão de sobrevivência. Um exemplo claro dessa concepção pode ser observado quando a criança, mesmo quando não está com fome continua a sugar o seio da mãe e depois levando outros objetos à boca e a prática do autoerotismo (erotização de qualquer parte do corpo; zona erógena) que poderá ser elevada a equivalente a ponto de descarga pulsional.

Deste modo, as pulsões sexuais não são, a grosso modo, necessárias à sobrevivência humana, no entanto, põe-se enquanto um imperativo porque se no primeiro instante a criança é estimulada a buscar a equilíbrio da tensão instintivamente, ao realizar atos na realidade (externamente) para manter sua sobrevivência, ancoram-se a essas práticas o desejo para continuar a repetir tal sensação, mesmo que o organismo já não encontra-se mais em situação de ameaça ou

O primeiro critério estabelecido ainda nesse estado primário é o do automatismo, de modo que temos uma tendência a fazer uma descarga energética livre, “às cegas”. A compulsão pela repetição é a tentativa de se vincular aquilo que encontra-se desvinculado, ou seja, que produza a possibilidade de se transformar *energia livre* em *energia vinculada* ao objeto desejado. Assim, a compulsão pela repetição nada mais é do que a expressão pulsional de morte. Logo, a escolha dos nossos objetos de satisfação é a superação do narcisismo primário, pois neste estado primário ocorre apenas a dimensão da constituição do próprio corpo, onde o prazer centra-se apenas em “mim mesmo”, já com a *escolha anaclítica* de objetos externos de satisfação abre-se para um Outro. No entanto, ao nos depararmos com a realidade vemos que esse novo objeto ‘amado’ (de satisfação) não está preso a nós e que a qualquer momento pode-se perdê-lo e, quando isso ocorre (frustração) o sujeito torna a fechar-se em si mesmo, que é a segunda fase do narcisismo, sendo necessário que seja elaborado o luto de sua perda para que possa tornar a abrir-se a novas possibilidades e não prender-se em si e se perder fixando-se no *melancolismo*.

A *pulsão de morte*, por sua vez, diz respeito ao fato de que nem tudo que gera um desprazer irá ter como consequência a insatisfação, uma vez que há muitas situações em que geram desprazer, mas que ao mesmo tempo nos causam uma sensação de muita satisfação. É nessa perspectiva que se esclarece o “casamento” ou encaixe entre o *masoquismo* com o *sadismo*, a satisfação pela via da automutilação, o caso das *neuroses de guerra*, dentre outros, onde a consciência conservadora do sujeito irá punir essa inclinação que coloca-se enquanto um imperativo para o Eu, acontecendo então todo o desdobramento da leitura pulsional em termos energéticos, econômicos, tópicos e dinâmicos.

Nesse sentido, uma vez que se instala o Eu - por meio do narcisismo - pode-se dizer que tudo agora resume-se a pulsão de morte, pois nela estão contidas em si, enquanto elementos constituintes, todas as pulsões: a pulsão de vida, a pulsão de autoconservação (do Eu) e as pulsões sexuais, de modo que a pulsão de morte seria, portanto, a síntese mesma do conceito de pulsão naquilo que interessa à psicanálise enquanto fundamentação, sempre presumindo a força da contradição e da negatividade como originárias para se pensar, por exemplo, o surgimento da linguagem, do desejo e, conseqüentemente, do próprio ser.

Identificações: a Quebra do Eu no Espelho

Diferentemente dos outros animais os homens identificam sua imagem ou autorretrato no espelho, forjando e sendo forjado através disso. E é por isso que precisamos de nos ver o mais fidedignamente possível. Segundo Lacan (1949), o ser humano é capaz de reconhecer a sua imagem refletida desde a mais tenra idade (aos 6 meses, em média) e saber que aquele diante de si é ele mesmo, e não um outro ser qualquer - diferente de muitos animais que, ao verem seu reflexo acreditam que se trata de um outro animal semelhante, aliado ou rival, que está posto ali.

Uma vez reconhecendo a sua imagem no espelho, a criança começa a fazer a distinção fusional que nutria até então com a mãe. Nos primeiros meses de vida, para a Psicanálise, o bebê acredita que o corpo da mãe não é algo independente e externo a ele, mas sim uma extensão sua e, acredita-se ainda que a mãe também alimenta essa fusão, mas desta feita no sentido emocional. Logo, ao reconhecer-se no espelho, a criança entende que a mãe e ele não são um só (são distintos), iniciando o processo de individualização do ser, instaurando e fomentando a saga da *sedução narcísica*, que vai agora se amoldar e repercutir por toda nossa vida.

Os espelhos sempre estiveram presentes nas diversas formas de expressão humana: mitos, lendas, contos de fadas, pinturas, literaturas, cinema e outras expressões artísticas, habitando de forma incisiva o imaginário popular eles portam-se como um enigma que, ao passo que as imagens dos espelhos são o retrato mais realista possível do objeto espelhado, eles portam também a mentira, podendo ainda também trazer a verdade de forma cruel e desumana.

Mentira e verdade, dois campos que se cruzam, pois toda mentira tem um correlato na fantasia, onde habita a verdade de cada um. Diante dos espelhos não se passa a responsabilidade aos outros sobre ‘como se é’, ou o “como eu estou?”, ao invés disso, essa responsabilidade passa a ser uma experiência profundamente individual, onde os sujeitos passam a enxergar a si próprios em seu estado atual (como estão), bem como, com projeções futuras (como vou me “montar” pra que os outros me vejam).

Segundo Goldfarb (1998) em “Corpo, Tempo e Envelhecimento”, pesar de ser um ato solitário, o observar-se no espelho está intimamente ligado às nossas relações com o externo a nós e com os outros indivíduos: relações sociais, amorosas, de poder, etc., de modo que suportar seu vazio e saber que as imagens mudam não é sempre um ato simples, no entanto, não somos sem os espelhos. Logo, daí advém a significância do

nome, pois sabemos que a nomeação introduz a diferença entre os sujeitos, os humaniza, por isso a importância dos nomes e sobrenomes. A partir de um nome não se é qualquer um.

Machado de Assis nomeou essa identificação ou reconhecimento de si como sendo resultantes de duas esferas: dentro e fora. Segundo ele possuímos “duas almas”, a interna e externa e essas entrelaçam-se preparando uma concepção original de espelho. Como as almas, os espelhos não permitem distinguir o exterior do interior. O que é interior em um momento em outro pode ser concebido como vindo de fora e vice-versa. A alma externa, esse olhar do Outro, constitui-se de pequenos traços com os quais nos reconhecemos, identificamos e tomamos como nossos. Uma alma não existe sem a outra; dentro e fora são como uma fita na qual o interior torna-se também exterior. Tais traços, pequenas identificações, são reeditados durante a vida com novas versões, mas não mais desaparecem.

Na psicanálise têm-se duas instâncias que tratam essa relação do sujeito com o espelho: o *eu ideal* e o *ideal do eu*. O eu ideal é a primeira identificação com a imagem, oferecendo a dispersão corporal inicial certa coerção e organização, quanto a isso, Freud (1914), pontua: “o que ele (sujeito) projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal”.

Mais tarde esse ideal, primeira forma de narcisismo, “roupagem” que reverte em nosso corpo dando-lhe uma imagem, encontrando uma segunda identificação pelo ideal do Eu, de modo que o sujeito cede parte de suas exigências para estar em consonância com o Outro, receber seu amor e ser reconhecido também. O ideal do Eu enlaça-se intimamente com a cultura como ideais a serem cumpridos ou futuros a serem alcançados. Todavia, isso que é introjetado no Outro torna-se parte do próprio sujeito, mesmo conservando sempre uma reação com o externo. Deste modo, todas as vezes que o sujeito se vê na vida de adulto em situações nas quais o narcisismo é muito ferido, seja porque o corpo sofreu inúmeras modificações sem um luto necessário, seja por perdas que tocam diretamente a imagem de si, a tendência é de regredir a um estado anterior, buscando no Eu ideal a consciência da imagem corporal ameaçada.

Espelho, Espelho Meu...

Entre o fictício e o real, todo espelho é de alguma forma traiçoeiro, jamais nos reenvia uma imagem factual, pois nele estão nosso olhar e o olhar dos outros inscritos e

Não há como apagar as marcas de nossa constituição, que se estendem também na imagem que construímos de nós mesmos. Quanto a isso, Delia Catullo Goldfarb (1998), ressalta toda imagem porta em si um furo, e há que superar sua falha para não ser subsumido inteiramente por aquilo que ela representa. Logo, a imagem nos representa, mas não nos reduzimos a ela. A autora ainda afirma que um espelho que dissesse toda verdade sobre nós não seria um espelho humano. Usando a ficção de forma ilustrativa, com a licença poética, há que se perguntar todos os dias, incansavelmente, como o fez a madrastra de Branca de Neve, para se tentar controlar o que não se controla. E, com isso, é preciso entender que destruir o engodo e a verdade do espelho é destruir a própria constituição a que cada um está fadado enquanto um Eu.

Entende-se, portanto, que as vestimentas, maquiagens, retratos, autorretratos ou fardas não recobrem tudo. A imagem é sempre fugida, e com essa fugacidade temos de nos movimentar. É preciso suportar o vazio da imagem, o vazio dos espelhos para que o texto da vida siga em rumos também contingentes. É preciso saber escrever com as diferentes imagens e quadros que nos acompanham desde que nascemos e vão se modificando com o passar dos anos (ciclos/etapas/estágios). Sobre isso, é preciso entender e aceitar que cada um carrega consigo um vazio que não se preenche, mas pode-se projetá-lo cravando escritas ao seu redor.

Assim, o que se mostra no espelho não são apenas marcas do tempo que riscam, rabiscam e enrugam essa superfície de contato denominada de pele, mas também que exhibe ali um corpo vivido, que carrega toda uma trajetória e historicidade que o fez chegar e ser quem se é. Corpo este que entrelaça-se com o psiquismo (aspecto do Eu), bem como com o erotismo (aspecto Eu-Tu) apresentando-se no mover da ação e interação sobre o mundo durante toda a mocidade/juventude que, ao deparar-se com as modificações inerentes do envelhecer, porta consigo a “crise do envelhecimento”, por este corpo que reflete no espelho mostrar-se agora como estranho, incongruente e limitador. Esta nova imagem espelhada denuncia não apenas o declínio físico, como a necessidade e o tornar a depender dos cuidados básicos e direto do outro, além da constatação eminente de estar trilhando um caminho sem volta para o último estágio da vida e, conseqüentemente, para o findar desta.

Nesse sentido, o processo de envelhecimento é também um processo de luto e elaboração sucessiva de perdas que se somam e dividem - ou ao menos deveriam -

espaço com a ressignificação e atualização de um ser que procura buscar novas formas de gozo, satisfação e contentamento. Segundo Cherix (2015), de acordo com visão psicanalítica, ocorre que durante esse processo obsoleto o corpo conclama à psiquê a vivenciar outra vez o complexo de castração e a re-elaborar conteúdos edípicos em busca de um novo posicionamento da subjetividade.

Lacan (1949) trouxe o conceito do que ficou conhecido como *estágio do espelho* onde, como já mencionado anteriormente, descreve a metáfora do momento em que a criança passa a identificar-se como ser individual, portanto, à parte de sua genitora, com um corpo e imagem única. Porém, para que se chegue a essa constatação é indispensável e fundamental que o bebê seja atravessado pelo olhar dessa mãe, que investe essa criança com suas leituras de mundo e expectativas próprias sobre a sua prole. Assim, esse ser com “massa” corpórea é totalmente forjado, investido e constituído pelo olhar e desejos dos seus pais ou cuidadores que exercem tal função.

Goldfarb (1998), descreve ainda que o corpo não é apenas uma “moldura” do ser ou um conjunto de órgãos, mas é também o reservatório por onde se manifesta as pulsões, enquanto corpo erógeno, outrora investido libidinalmente pelo grande Outro, portando-se então como fronteira ou superfície de prazeres, desejos e aflições. Logo, as experiências de regozijo dessa relação com o próprio corpo e com o do outro vão tecendo traços na memória que constitui e transcreve a narrativa desse corpo e é por isso que apesar das modificações que vão surgir ao longo do tempo nesse corpo o sujeito conseguirá sempre atestar que trata-se da mesma pessoa, dele próprio, apesar dessas mudanças aparentes, externas e estéticas. Esta condição do espelho positivo é mesmo importante para a constituição da nossa identidade, sempre considerando, claro, que há também uma fresta que se instaura entre a imagem que se tem de si mesmo e aquela que é possível de ser vista no espelho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente ao exposto, o sujeito envelhecido para a psicanálise é aquele que encontra-se ou porta-se em uma espécie de antessala da morte, que na clínica e na vida fala de tempo o tempo todo. Fala de um corpo imaginário que se nega a envelhecer, não sendo possível reconhecer-se no espelho (espelho negativo), que fala de finitude (angústia da morte). Assim, um dos apontamentos para que a pessoa tenha um envelhecimento sereno, para além da concepção saúde-doença, é a aposta e investimento em projetos

de curta duração e/ou resposta mais imediata, tais como a descoberta de um novo hobby; passeios e visitas a familiares e amigos; a aposta em um novo amor, se possível for – levando em consideração as contingências que lhes são postas – para o bom aproveitamento do seu “pouco tempo”, fazendo com que este seja de fato vivido de forma intensa, leve e prazerosa.

REFERÊNCIAS

ACTA, Paul. **Revisão Sistemática x Revisão Narrativa**. Scielo, 2007. Vol.20, Nº2, São Paulo.

CHERIX, Kátia. **Corpo e Envelhecimento: uma perspectiva psicanalítica**. Pepsic, São Paulo, v. 18, n. 01, jun. 2015.

SIQUEIRA, Renata Lopes de; BOTELHO, Maria Izabel Vieira; COELHO, França Maria Gontijo. A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, pág. 899-906, 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232002000400021&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 de Agosto de 2020.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**, 1930, p.96.

FREUD, Sigmund. **Sobre a introdução do conceito de Narcisismo**, 1914.

GOLDFARB, Delia Catullo. **Corpo, Tempo e Envelhecimento**. 1998. 95 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Programa de Psicologia Clínica, Puc, São Paulo, 1997. Cap. 3.

LACAN, Jaques. **Estádio do Espelho**, 1949.

MUCIDA, Ângela. **O sujeito não envelhece - Psicanálise e velhice**,

2004. MUCIDA, Ângela. **A velhice no mal-estar da cultura**, 2004, p.82.

PELBART, Peter Pál. **A Nau do Tempo Rei: 7 Ensaios sobre o Tempo da Loucura**. Rio de Janeiro: Cpi-brasil, 1993.